

**EU ME CONTO, MAS NÃO ME BASTO:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA FREIREANA**

TADEU RENATO BOTTON RIBEIRO

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como
sou - eu não aceito.
Não agüento ser apenas um
sujeito que abre
portas, que puxa válvulas,
que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora,
que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem
usando borboletas.

MANOEL DE BARROS

INTRODUÇÃO

O presente artigo é uma tentativa de reflexão sobre uma experiência concreta, o projeto Retalhos do Bairro, do Núcleo Insólita Sucataria, do qual os autores fazem ou fizeram parte. Com foco na arte-educação, o Núcleo trabalhou em praça pública, criando e participando de oficinas de diversas linguagens, tendo seu público de contato, em sua maioria, formado por crianças.

Talvez este não possa ser lido como um artigo tradicional, visto que sua proposta não se atém à formatação convencional exigida. O relato do acontecido pareceu-nos mais importante de ser descrito como foi, sem que reflexões conceituais entremeassem a narrativa. Esta escolha da forma se deu, em parte, por conta do conteúdo que como se poderá notar, mostra como o projeto Retalhos do Bairro baseou-se em narrativas colhidas com os moradores dos arredores onde ação ocorreu.

Não nos escapa, todavia, a proposta de Paulo Freire (1986, p.38) de que “ensinar exige reflexão sobre a prática”. Entretanto, durante o trabalho do Núcleo (apesar de este ser formado por estudantes de licenciaturas), o educador brasileiro não nos serviu a priori para fomentação de nossos trabalhos, além de nossos próprios conhecimentos precedentes, e quase não era citado nas reflexões posteriores. Paulo Freire, mais precisamente sua obra *Pedagogia da Autonomia* (a qual nos utilizaremos para as reflexões) chegou ao nosso repertório após o término daquela etapa do projeto.

Este o motivo pelo qual priorizamos a participação da experiência e pelo qual a conceitualização calcada em Paulo Freire apresenta-se em notas de rodapé, explicitando nossa crítica sobre o acontecido. Isto não desmerece de forma alguma o valor das idéias educacionais expostas no livro citado. Cremos que ao modo das obras freireanas, que estão repletas de exemplos concretos onde o aprendizado se dá na interação social, o autor não desautorizaria a maneira de expor que aqui se apresenta.

HÁ UMA PEDAGOGICIDADE INDISCUTÍVEL NA MATERIALIDADE DO ESPAÇO

O Núcleo Insólita Sucataria surgiu em dezembro de 2001 como um grupo de teatro formado por artistas de diversas linguagens. Após a montagem do espetáculo “Ismo”, com direção de Ly Garcia e texto de Tadeu Renato, outros integrantes agregaram-se ao Núcleo, em sua maioria estudantes de licenciatura em Artes e Humanas.

No ano de 2002, em parceria com a igreja Santa Ângela, o Núcleo Insólita Sucataria, formado por moradores do bairro e regiões adjacentes da Vila Moraes, periferia de São Paulo, ministrou uma oficina de iniciação ao teatro com duração de cinco meses, para a qual a igreja cedeu o espaço o grupo. Foi a partir daí que surgiu uma forte relação entre o grupo, o bairro Vila Moraes e especialmente a praça Santa Ângela. Desde então, o Núcleo vem buscando a integração com os mesmos, realizando nesse sentido, uma série de atividades nesse espaço.

Pela formação dos integrantes do Núcleo, as atenções foram se voltando cada vez mais para a arte-educação e para um trabalho que unisse todas as linguagens artísticas. Fortificando um vínculo que já existia desde 2002 com a Vila Moraes, o Núcleo Insólita Sucataria foi contemplado em 2005 e 2006 com o **VAI** (*Lei de Valorização as*

Iniciativas Culturais) e durante este tempo esteve presente no local, realizando o projeto Retalhos do Bairro. O projeto tinha como objetivo re-valorizar o espaço da Praça Santa Ângela, localizada na Vila Moraes, subprefeitura do Ipiranga, enquanto espaço de arte, cultura e encontro. O projeto caminhou em três vertentes: Domingo na Praça, debates e oficinas artísticas, e pesquisa histórica. A proposta da primeira vertente foi realizar ações culturais e artísticas no espaço. Nas oficinas foram desenvolvidas as linguagens de artes plásticas, teatro e música, além de dois encontros literários, que resultaram em edições artesanais de duas revistas. A pesquisa histórica foi a base para o trabalho das outras vertentes, reavivando a história local e trazendo material para as discussões nas oficinas e reuniões.

O CONHECIMENTO DO MUNDO TEM HISTORICIDADE

Durante o ano de 2006 todas as ações culturais do Núcleo voltaram-se com mais intimidade sobre a pesquisa histórica do bairro, já que esta se aprofundava em seu projeto. A Vila Moraes, como tantas outras surgidas em torno dos bairros mais antigos da cidade de São Paulo, não possui uma história oficial que esteja documentada. Isto se deve, em grande parte, ao crescimento não planejado destas áreas, geralmente formadas por imigrantes de diversas localidades do país. Este aspecto múltiplo da formação mostra-se concretamente na geografia urbana. Casas de grande porte ao lado de outras bem menos planejadas. Igrejas dos mais diversos credos, casas de alvenaria, mansões e uma favela. Festivais imobiliários de novos lançamentos ao lado do Zoológico. Apesar da diversidade, a maioria dos habitantes é de classe baixa, quando não menos. Para um olhar mais crítico, a formação social do Brasil é vidente neste microcosmo.

Desta forma, a maneira mais eficaz de reconstruir (ou ainda *construir*) a história do bairro foi através do recolhimento de depoimento, em primeiro lugar, dos moradores mais antigos. Cada qual com sua memória, seus objetos, suas fotografias e suas narrativas particulares, desenhou sua versão da história.

Apoiados neste material, os Domingos na Praça usavam temas da história e da geografia local para criar o evento, daí surgindo oficinas artístico-educacionais realizadas no espaço público. A cada Domingo, os bancos, a terra, o parque abandonado e até o ar da praça misturavam-se a alguns aspectos da pesquisa já mencionada.

Entretanto, esta união entre a história do bairro e a ação cultural apresentou-se de forma mais completa justamente no último evento do ano, até por conta dos planejamentos do Núcleo buscarem a justa medida durante o projeto¹. Após tematizar sobre cada ponto particular do lugar, a ação derradeira criou o Domingo da Ocupação Total, materializado numa caça ao tesouro.

A PALAVRA EXIGE A CORPOREIDADE DO EXEMPLO

Sábado à tarde, hora da divulgação. Um carro de som passeia pelas ruas do bairro, tocando músicas afins ao evento que divulga. Enquanto isso, os educadores caminham pelas ruas vestidos de piratas, convocando pequenos marujos para a participação em uma caça ao tesouro. Um tapa-olho e poucas informações sobre a busca: únicas pistas que as crianças, já acostumadas com integrantes do Núcleo, receberam no momento. Quem quisesse saber mais, que aparecesse no Domingo, na praça Santa Ângela.²

Dia seguinte, duas horas da tarde. A praça central do bairro, antes pouco aproveitada, agora abarcava uma média de 200 crianças, mais os pais e outros curiosos. O Núcleo, com 09 educadores e quatro apoiadores, já estava pronto, cada um com seu personagem. No centro, duas piratas convocavam os marinheiros para a busca do tesouro. O caminho estava traçado no mapa que haviam encontrado. Subiram todos na área que representava o barco. Ninguém tinha dificuldade em sentir o chão balançar, o ranger das tábuas, o cheiro do oceano, o temor da grande tempestade que quase vira o barco. Isso tudo surgido na narração que os marinheiros faziam do que viam³.

¹ Paulo Freire nos indica que **ensinar não é transferir conhecimento**, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Juntos, educadores e educandos são sujeitos do ensinar-aprender. À medida que o Núcleo construiu seu repertório de informações históricas, estas foram repassadas para outros moradores do bairro, de forma que estes conhecessem e acrescentassem na mesma, numa troca constante de conhecimento.

² **Ensinar exige alegria:** as ações culturais sempre foram realizadas em clima de festa, contando com o apoio de outras instituições do bairro, como a Escola de Samba ou a Igreja. Talvez isso fosse facilitado pelo caráter não-formal que escolhemos para o projeto. O fato de nos colocarmos como um misto de educadores e artistas não diminuía o respeito mútuo entre os envolvidos.

³ **A cultura é fruto da criatividade:** Em todo o projeto, mormente no evento descrito, a curiosidade epistemológica sempre foi acompanhada da criatividade, inclusive por trabalharmos a educação de forma artística. As crianças sempre foram receptivas à este estímulo, bem como esperavam o mesmo por parte dos educadores.

Afinal chegaram à Ilha dos Moraes. No entanto, os dois capitães se estranharam, cada qual querendo o tesouro apenas para si. Uma briga cômica, misto de circo e cinema mudo, acabou com o mapa rasgado ao meio. Divididos, cada pirata reuniu sua equipe e seguiram caminhos diferentes. Em cada parada que fazia pela praça-ilha, encontravam um personagem. Na árvore, um Macaco contava os tempos em que o bairro não existia e a mata tomava conta do lugar. Lamentava a urbanização desordenada e o barulho incômodo que isso acarretava. Só daria uma pista em troca de sons da natureza. Os marinheiros fizeram então o que ele desejava e a busca seguiu⁴.

No lugar onde antes existiu um parque infantil, com brinquedos construídos com madeira, uma Menina trocou a próxima pista em troca de uma brincadeira tradicional.

Do lado oposto da ilha-praça, o outro grupo encontrava-se com um Motorista de ônibus. Este estava perdido, não sabia qual o itinerário deveria fazer. Pediu aos marinheiros que escrevessem e desenhassem o lugar para onde ele deveria ir. Nomes e paisagens surgiram em substituição a Vila Moraes⁵.

Na quadra mal-cuidada, um Esportista contou dos tempos em que brincava nos campos de antigamente. Incluiu antigos moradores nos seu time. Por fim, trocou sua pista por um jogo cooperativo.

Uma Senhora suspirava num banco próximo. Queria conversar e trocava suas pistas por um pouco de atenção. Todos ouviram atentos as histórias do bairro, entre elas, a dos irmãos Moraes, donos das terras em que a vila brotou. Desejando que os ouvintes passassem adiante as narrativas, a senhora indicou o próximo passo⁶.

⁴ **Inacabado, o ser humano se insere num movimento de busca:** não foi aleatória a escolha do tema pela caça ao tesouro. É um jogo cooperativo em busca de algo que ainda não se sabe exatamente do que se trata, mas já se deseja. O incentivo à busca contra a passividade histórica.

⁵ O ideário pedagógico e antropológico de Paulo Freire é caracterizado pela luta **contra o fatalismo da História determinista** imposta pelo Neoliberalismo. Sendo um ser capaz de se reconhecer como sujeito histórico, o ser humano deve encontrar na educação crítica a consciência do inacabamento e sua possibilidade de intervir no mundo.

⁶ **Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos:** a grande base teórica do projeto foi o material histórico recolhido com os moradores do bairro, desde os mais antigos até às crianças. O Núcleo sempre deixou espaço em suas atividades para que estas apresentassem suas narrativas, seus pontos de vista da memória coletiva.

Preocupada com a sujeira da praça-ilha, uma Feiticeira fez um acordo: se lhe trouxessem o lixo espalhado, ela mostraria o caminho a seguir. Feito isso, a Dona Maritaca, uma personagem muito falante foi encontrada através de uma ligação feita do telefone público. Depois de contar o processo de urbanização da Vila Moras, deu a última dica: *o tesouro será encontrado naquilo que lhe é oposto*. Devido a um delicioso mal entendido semântico, todas as crianças correram em direção ao *posto de saúde*, a dois quarteirões dali. Antes que se distanciassem, os capitães chamaram de volta e repetiram a charada. Juntos, todos tentaram entendê-la. Finalmente alguns dos participantes entenderam o oposto como o diferente, o outro. Os dois grupos se encontram no ponto inicial e juntaram as partes do mapa⁷.

Frente à praça, há um casarão em ruínas. Este pertenceu à família Moraes. Agora, um ferro velho toma conta do lugar. Com o mapa recomposto, surge de dentro do casarão um Fantasma (personagem muito presente nos depoimentos recolhidos na pesquisa histórica) que ali habita. Trás nas mãos o baú do tesouro. As crianças, sentadas num grande círculo na praça, esperam assustadas e ansiosas. O personagem se identifica como um dos irmãos Moraes. Narra sua briga com o irmão por conta de uma mulher, que acabou na morte de um pelo outro. Cansado de tantas brigas, decide dar o tesouro apenas àqueles que cultivam a paz justa⁸. Os capitães entendem o recado e se reconciliam. Festa na roda, o tesouro cheio de doces e pedras brilhantes é distribuído para os participantes e mesmo para os numerosos espectadores que acompanharam a trajetória e fizeram mais um pedaço da história da Vila Moraes⁹.

PERMANENTE PROCESSO SOCIAL DE BUSCA

⁷ **O entendimento é co-participado:** o saber nasce do diálogo horizontal, onde se estimulam curiosidades mútuas em busca da criticidade.

⁸ Há uma paz que não é absolutamente justa, onde se cala as revoltas dos marginalizados com violências de todos os tipos. O educador precisa saber entender quando a raiva dos oprimidos é justa e pode ser **reconhecida pelo seu papel altamente formador** do senso crítico.

⁹ **Decência e boniteza de mãos dadas:** todas as ações tinham preocupações estéticas (novamente por conta da formação do Núcleo), buscado extrair poesia do mais prosaico ponto de partida. O prazer estético está diretamente ligado à alegria.

Durante o projeto, em todas as suas dimensões, o grupo procurou discutir criticamente cada evento assim que realizado, para que pudéssemos elaborar maneira para as próximas ações, bem como analisar o acontecimento passado¹⁰. Cada discussão acrescentou na experiência do grupo como um todo, bem como individualmente, tendo atualmente alguns de seus integrantes escrevendo trabalhos acadêmicos que refletem o projeto.

Nas crianças que participaram do projeto, assim também em relação a outros moradores, a praça tem se tornado aos poucos um pólo de lazer e encontro, embora não há, até o momento, disposição do poder público para uma reforma de efeito e imprescindível no local, mesmo no bairro como um todo, carente de áreas de lazer e espaços culturais.

O material recolhido durante a pesquisa histórica está em fase de finalização em forma de Cd-rom, e será distribuído na biblioteca, nas escolas públicas, na escola de samba, na associação de moradores e em outros locais de acesso compartilhado. Durante a pesquisa, o Núcleo não se apegou em demasia aos claros desencontros nas passagens contadas, embora tenha produzido um documento formal – uma tentativa de síntese - para arquivar estes depoimentos. A experiência viva da história, bem como sua construção ao correr do projeto, foi mais importante para a busca do re-conhecimento dos sujeitos desta. A educação, tomada em sua origem coletiva, e construída de forma crítico-reflexiva, participa do forjamento da identidade de um bairro, de um país.

¹⁰ Esta prática de reflexão em grupo acontecia imediatamente após o término de cada ação. Sempre tivemos clara noção de que **é impossível ser-no-mundo de forma neutra**, como coloca Paulo Freire.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.**

36° ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

BARROS, Manoel de. **Poemas Rupestres.** São Paulo: Editora Record, 2004.